

# PROJETO “COLHENDO MEMÓRIAS: MUSEU E ESCOLA”: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Maria do Carmo Silva Esteves<sup>1</sup>

---

## RESUMO

A partir da experiência da autora no Museu da Cana, em Pontal, no estado de São Paulo, o presente trabalho revisitou, à luz de suas potencialidades, o projeto “Colhendo Memórias: museu e escola”. Buscou-se pensar a ação educativa realizada no âmbito da educação patrimonial, apresentando referenciais teóricos que embasam a tríade museu, escola e cultura.

**Palavras-chave:** Ação Educativa. Mediação. Educação Patrimonial.

## ABSTRACT

Based on the author's experience at the Sugarcane Museum, in Pontal (state of São Paulo), this study revisited, in the light of its potential, the project “Collecting Memories: museum and school.” We sought to think about the educational action regarding heritage education, presenting theoretical references that support the triad museum, school and culture.

**Keywords:** Educational Action. Mediation. Heritage Education.

## INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa, realizada durante o curso de Gestão Cultural oferecido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP, é o projeto “Colhendo Memórias: museu e escola”, aplicado no Museu da Cana, em Pontal, no estado de São Paulo, nos anos de 2018 e 2019. A proposta consiste em apresentar e examinar os referenciais teórico-metodológicos e as ações educativas realizadas pelo projeto no âmbito da educação patrimonial, os quais estão diretamente relacionados à tríade museu, escola e cultura.

O interesse por essa investigação dialoga com minha prática profissional a partir de 2009 junto aos museus da Secretaria da Cultura e Economia Criativa do estado de São Paulo, localizados no interior de São Paulo,

---

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP. E-mail: maria@comunicarp.com.br.

administrados pela parceria entre a organização social de cultura ACAM Portinari e o Governo do estado de São Paulo, onde atuei nas áreas de relações públicas e produção de projetos. Essa vivência intensa na cena museal paulista de 2010 até 2016 me possibilitou desenvolver uma prática amparada por uma busca de referenciais teóricos que assentasse o meu fazer e, em 2016, a iniciar a idealização do projeto “Colhendo Memórias: museu e escola”.

## O MUSEU DA CANA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Só se preserva aquilo que se ama,  
só se ama aquilo que se conhece

Aloísio Magalhães



**Figura 1.** Lateral da edificação principal do Museu da Cana.

Foto: Beto Baptista, 2014.

O Museu da Cana está localizado na fazenda Engenho Central, com terras entre os municípios de Pontal e Sertãozinho, localizados na região nordeste do estado de São Paulo.

Engenho é o nome dado ancestralmente às lavouras de cana-de-açúcar com estrutura própria para a produção do açúcar, sendo que, no início, especialmente na região Nordeste do Brasil, a produção era realizada de forma primitiva, utilizando-se da tração animal. Com a Revolução Industrial, os engenhos incorporaram um conjunto de máquinas para preparar os produtos da cana — açúcar e álcool —, e, após o declínio dos engenhos no Nordeste do Brasil, esta produção migrou para o Sudeste do país, já em um formato de produção industrial.

O antigo Engenho Central de Sertãozinho também era chamado de Usina Schmidt e sua história se inicia com a compra da fazenda, em 1902, pelo fazendeiro Francisco Schmidt, imigrante alemão conhecido como o Rei do Café por possuir inúmeras fazendas de café no nordeste paulista.

De forma inovadora para a época, Schmidt decidiu entrar no mercado de açúcar em uma sociedade com a empresa alemã Theodor Wille, de Hamburgo, contrariando a tendência que valorizava a produção e a exportação de café. Essa escolha lhe rendeu benefícios, como a isenção fiscal concedida pela Câmara Municipal de Ribeirão Preto para aqueles que produzissem outras culturas agrícolas.

Nesse contexto, a construção do Engenho Central de Sertãozinho se constituiu a partir da importação de maquinarias fabricadas no Reino Unido e na França nas décadas de 1870 e 1880, começando a produzir em 1906.



**Figura 2.** Vista do Museu da Cana e seu maquinário.

Foto: Tania Registro, 2013.

Francisco Schmidt introduziu a cultura e a produção de açúcar na região de Ribeirão Preto, a qual, no início do século XX, gerou grande impacto regional. Atualmente — primeiros vinte anos do século XXI —, essa

é a maior região produtora de sucroenergia do Brasil.

Em 1924, Francisco Schmidt faleceu, e em 1964 seus herdeiros venderam o Engenho Central e sua cota de produção de açúcar e de álcool para Maurílio Biagi, que manteve a produção até meados de 1973, quando as atividades do complexo foram encerradas.

Maurílio Biagi faleceu em 1978, e a propriedade da fazenda Engenho Central passou para seu filho Luiz Biagi, que optou por preservá-la intacta, com suas edificações e seu maquinário original, já com intuito de criar um museu.

Em 2006, o complexo foi doado pela família Biagi ao Instituto Cultural Engenho Central, instituição fundada com o objetivo de levar adiante o projeto de implantação do museu, o qual foi fundado no dia 14 de dezembro de 2013.



**Figura 3.** Vista externa das edificações do Museu da Cana.

Foto: Beto Baptista, 2014.

O Museu da Cana é uma instituição que, nos seus seis anos de funcionamento, conseguiu difundir a rica história de criação e desenvolvimento do antigo Engenho Central, local este que abriga o museu e que, por sua vez, tornou-se um dos mais importantes patrimônios históricos relacionados à cultura da cana-de-açúcar no Brasil, sendo um dos primeiros empreendimentos que documentou a entrada da economia açucareira em grande escala no sudeste brasileiro. Preservado integralmente, exhibe um cenário do processo de produção de açúcar e de agregação sociocultural, com sua imponente edificação junto ao acervo de equipamentos do final do século XIX e início do século XX.

Sua formalização como instituição de memória se deu pela adoção de uma prática embasada no Plano Museológico. Seguindo as recomendações do Estatuto dos Museus<sup>2</sup>, as ações são viabilizadas por meio de um combinado de recursos econômicos, como convênios com universidades, parcerias com a iniciativa privada etc., e recursos financeiros vindos especialmente por meio da lei federal de incentivo à cultura<sup>3</sup>, pela doação de pessoas físicas e pela locação de seus espaços não musealizados. O Plano Anual de Manutenção é validado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) desde 2014, tendo seu balanço anual aprovado até o exercício de 2019.

O planejamento anual do Museu da Cana tem como lastro seu plano museológico, e suas ações são divididas em onze programas. Desde sua fundação, o museu nunca conseguiu captar todos os recursos necessários para a plena aplicação de seus programas, mas, de forma criativa, seus gestores têm conseguido manter a instituição em funcionamento e, além disso, sustentar sua posição como referência turística e cultural para a região de Ribeirão Preto. Sua importância pode ser comprovada pela frequência de público, que em 2019, por exemplo, chegou a cerca de 25 mil visitantes.

## ENGENHO CENTRAL: TERRITÓRIO CULTURAL

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Milton Santos

A institucionalização do Museu da Cana no espaço onde foi construído o Engenho Central de Sertãozinho colabora para a preservação de uma importante história material (acervo e edificações), mas também se revela como potente locus de cultura imaterial, a qual é manifestada no território, tendo, no antigo engenho de açúcar, a ancoragem de memórias afetivas relacionadas às tradições, às crenças, aos hábitos e aos costumes que determinam uma identidade comum à comunidade que vivencia o local e o reconhece como um símbolo que agrega histórias e memórias pessoais e sociais daquela cultura e população.

---

2 O Estatuto dos Museus foi instituído pela Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

3 Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac).



O Engenho Central, que parecia adormecido por décadas, acordou com a implantação do Museu da Cana. O fato que mais encanta neste novo momento do antigo engenho é a potência com que a cultura local se revelou, despertando, na comunidade local, um orgulho em pertencer a esse território repleto de histórias, de memórias e de afetos que unem todos em torno de uma identidade única<sup>4</sup>. Assim, o lugar é reconhecido pela riqueza de seu patrimônio histórico material e imaterial.

Reavivar este território em sua potência revela o poder simbólico da cultura enquanto fator de agregação social e de determinação de identidades, considerada a partir da definição de Stuart Hall (2006), que a vê como a dimensão humana composta pelas qualidades, crenças e ideias que fazem alguém se sentir ao mesmo tempo indivíduo e membro de um grupo particular.

Um índice físico na manifestação do patrimônio imaterial do Engenho Central é a Vila do Engenho, antiga colônia da fazenda<sup>5</sup> preservada como moradia para famílias remanescentes da primeira ocupação do local e para outros moradores, que trocaram a vida na cidade pela possibilidade de morar em um ambiente rural. Esta vila é composta por dezenove casas, sendo que, atualmente, em 2019, treze estão ocupadas.

A tradição oral aponta que a construção da Colônia do Engenho Central remonta aos primórdios da implantação do complexo arquitetônico na década de 1900, no qual residiam os empregados, com seus familiares, engajados nas atividades — agrícolas e industriais (Usina Schmidt) — desenvolvidas no Engenho.

Em 1945, a Usina Schmidt contava com aproximadamente cem casas para os colonos<sup>6</sup>, construídas com tijolos e cobertura de telhas (TORRES, 1945). Essa primeira colônia foi demolida e construída em outro local da fazenda Engenho Central, no lugar hoje chamado “Vila do Engenho”, tendo, na fachada de uma das casas, o ano de 1984, indicativo da data de

---

4 Apesar de não ser considerado um patrimônio imaterial, o Museu da Cana se enquadra, na definição do Iphan, na categoria “Lugares”, a qual é atribuída aos patrimônios imateriais brasileiros, que, conforme o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, são “mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas”.

5 O termo “colônia” se refere ao conjunto de moradias dos colonos ou empregados dos estabelecimentos rurais instalados a partir da chegada de grandes contingentes de imigrantes oriundos da Europa, principalmente da Itália. Na região de Ribeirão Preto, nas grandes fazendas de café no final do século XIX e início do século XX, as colônias abrigavam entre 1.000 e 2.500 residentes.

6 Por colonos, entendem-se os moradores da Colônia do Engenho Central. Esse termo é forjado a partir da imigração de europeus ao Brasil para servirem de mão de obra no campo.

construção das casas com tijolos à vista, as quais estão reunidas em torno de uma rua.

Após a desativação do Engenho Central como unidade produtiva, em 1973, alguns ex-empregadores continuaram a residir na antiga colônia, dando continuidade à realização de manifestações culturais, como festas, jogos de futebol, jogos de bocha e outras expressões que se mantêm até hoje.

Assim, resgatar as manifestações culturais encontradas no território do Engenho Central é resgatar a cultura que denominamos caipira, na qual há uma mistura inicial entre as culturas dos povos originários e dos portugueses colonizadores, somadas à cultura dos povos africanos aqui escravizados e, ainda, à de colonos europeus, especialmente italianos, os quais começaram a chegar ao Brasil na segunda metade do século XIX.

Caipira, roceiro, sertanejo, estas são algumas denominações pelas quais era chamado o camponês, o morador do interior das terras de São Paulo, de porções de Minas Gerais e do Mato Grosso, território reconhecido por Antonio Candido (2017) como “paulistânia”, produto da mistura dos povos que constituiu a particular sociedade rural do sudeste brasileiro: o mundo caipira.

As antigas colônias das fazendas paulistas viveram uma efervescência cultural entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, tendo sua decadência com o início de êxodo rural, sendo que, na região da fazenda Engenho Central, a transformação do campo em grandes latifúndios dedicados à produção da cana-de-açúcar se deu em meados da década de 1970. Muitas colônias e engenhos foram destruídos para receber as grandes plantações de cana que abastecem a indústria sucrocanevieira, mas, graças à sensibilidade histórica dos proprietários da fazenda Engenho Central, o complexo foi preservado e chegou até nossos dias.

A manutenção de antigos moradores da desativada indústria promove uma ocupação local que, apesar de não ter mais a função econômica, conserva, de modo potente, a cultura caipira e sua rica diversidade de expressões, tais como festas, celebrações, culinária, remédios, benzeduras e seus modo de contar histórias, tradicionalmente chamadas de *causos*.

Este rico território cultural tem seu esteio na oralidade e nas figuras de Dona Vanda e Dona Nayr, como são conhecidas Vandair de Oliveira Brito e Nayr Biachini Gonçalves, verdadeiras mestras do saber e do fazer. Elas são comadres há mais de meio século, moradoras da Vila do Engenho e, podemos dizer, guardiãs de parte do patrimônio imaterial abrigado pelo Museu da Cana.

Felizmente, o Museu reconhece a importância desses saberes e colabora para sua preservação, considerando-a como um de seus principais

compromissos sociais. Visa, com isso, o fortalecimento da identidade local e o estímulo à diversidade cultural, alinhado ao reconhecimento da cultura em sua dimensão antropológica.



**Figura 4.** As comadres D. Vanda e D. Nayr, na Vila do Engenho.

Foto: Maria Esteves, 2018.

## **INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

As instituições de memória contemporâneas — museus, arquivos, bibliotecas, centros de memória etc. — são espaços vivos, vocacionados para a educação patrimonial, que elaboram as questões da história e da memória de forma pluricultural, partindo da relação entre os bens culturais e as sociedades que os produziram, dando voz para estas comunidades se reconhecerem no patrimônio e validá-lo como seu ativo histórico.

Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (IPHAN, 2014, p. 19.)



Partindo desta referência, a educação patrimonial é entendida como um processo de mediação, estabelecido em um campo em que convergem as dimensões do ser e do estar produzidas por diversos atores e, consequentemente, por diversas narrativas que precisam ser tratadas de forma transversal, dialógica e agregadora.

Assim, no contexto do Museu da Cana, a elaboração do projeto “Colhendo Memórias” se deu a partir de uma densa aproximação com os sujeitos históricos daquele lugar, os quais estão presentes nas narrativas construídas para dar sustentação ao projeto.

Desde a abertura do Museu da Cana, as pessoas que moram na fazenda Engenho Central são vistas e tratadas enquanto potência de uma narrativa ancestral e como memória viva<sup>7</sup>, visto que o projeto potencializa e fomenta a difusão da rica cultura caipira relacionada àquele território, produzindo um universo simbólico que alimenta, com generosidade, a criação de bens culturais, sempre lastreado pelos princípios da educação patrimonial da Rede Paulista de Educação Patrimonial (Repep), a saber: transversalidade, dimensão política, respeito à diversidade, interlocução, centralidade dos sujeitos e transformação social.



**Figura 5.** “Chegança”.

Foto: Alisson Santos, 2018.

<sup>7</sup> A utilização da expressão “memória viva” remete às diretrizes da Lei Federal nº 13.018, de 22 de julho de 2014, que institui a Política Nacional de Cultura Viva, e à portaria nº 315, de 6 de setembro de 2017, que dispõe sobre a instituição do Programa Pontos de Memória no âmbito do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

## COLHENDO MEMÓRIAS: MUSEU E ESCOLA

Em toda parte nós só aprendemos  
de quem amamos.  
J. W. Goethe

Os museus contemporâneos são instituições onde o compromisso com a educação é fator orientador de suas práticas. Marco notório é a recomendação da Unesco, datada de 20 de novembro de 2015, relativa à proteção e à promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade, que indica a educação como função prioritária a ser incorporada as suas funções fundamentais já instituídas: preservação, investigação, comunicação.

A educação é outra função fundamental dos museus. Os museus atuam na educação formal e informal e na aprendizagem ao longo da vida, através do desenvolvimento e da transmissão do conhecimento, de programas educativos e pedagógicos, em parceria com outras instituições, especialmente as escolas. Os programas educativos nos museus contribuem fundamentalmente para educar os diversos públicos acerca dos temas das suas coleções e sobre a cidadania, bem como ajudam a consciencializar sobre a importância de se preservar o patrimônio e impulsionam a criatividade. Os museus podem ainda promover conhecimentos e experiências que contribuem para a compreensão de temas sociais correlacionados. (UNESCO, 2015, p. 4.)

Por não ter uma estrutura curricular definida e por não constar como obrigatória na formação de estudantes (ainda que consideradas como complementares aos currículos escolares), as instituições museológicas exercitam ação educativa nas dimensões da educação informal e não formal, respaldadas pelo comprometimento com uma prática pedagógica ética, democrática, participativa e amplamente permeada pela diversidade sociocultural.

É importante esclarecer sobre os referenciais teóricos adotados para a definição dos diferentes formatos educacionais: educação formal, não formal e informal. No parágrafo anterior, utilizamos a nomenclatura educação informal e não formal para a atuação das instituições museológicas, já a Unesco fez referência à educação formal e informal, indicando, talvez, a possibilidade do museu como escola, ainda que a utilização do termo não formal seja característica dos países latinos.

Baseada nas propostas de Maria Gloria Ghon (2006), o projeto “Colhendo Memórias” adota a perspectiva de educação informal ou não formal:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcado; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. (GHON, 2006, p. 28.)

Sendo assim, o papel educativo dos museus transita pelos formatos informal e não formal: informal, no momento em que todos os produtos das ações de difusão museológica — exposições, publicações, eventos etc. — se propõem a mediar a construção de conhecimento em busca da valorização de um sujeito histórico; não formal, quando, por meio de seus acervos e temáticas, os conteúdos são organizados de forma intencional para provocar o ato pedagógico como afirmação de um campo crítico que afirma a busca por uma aprendizagem embasada no entendimento de que as relações sociais são determinantes na colaboração da afirmação da cidadania.

## **A AÇÃO EDUCATIVA**

Neste cenário, o projeto “Colhendo Memórias: museu e escola” é uma ação de educação patrimonial relacionada à cultura caipira do interior de estado de São Paulo, que objetiva identificar, reconhecer, preservar e promover as manifestações de cultura imaterial relacionadas ao ambiente rural do nordeste paulista. As ações são realizadas em salas de aula nas escolas e no museu — visita mediada —, com vistas a produzir um saber, uma experiência (LARROSA BONDÍA, 2002) por meio de práticas pedagógicas que incluem a contemplação para gerar vínculos cognitivos-afetivos (ZAJONC, 2006) e por meio de linguagens artísticas.

O projeto une cultura e educação. É uma experiência singular, na qual se dá a preservação do patrimônio imaterial manifestado no entorno do Museu da Cana. Desde sua implementação, nos anos de 2018 e 2019, atendeu aproximadamente 1.400 alunos do 4º ano do ensino fundamental da rede pública municipal da cidade de Pontal.

A ação educativa prevê, antes da visita ao museu, subsídio aos professores e recursos pedagógicos que dão suporte ao aprendizado. Esses recursos são baseados nos temas transversais previstos na Base Nacional Comum Curricular, como diversidade cultural e questões do patrimônio material e imaterial.

Na visita mediada, a ação educativa se propõe a não afirmar nem transmitir conhecimento, mas produzir afecção, ou melhor, afetos sensíveis que marquem a experiência da visita de maneira estimulante e, assim, perdurem como experiência e aprendizado. Apostando nas múltiplas camadas que as linguagens artísticas podem fomentar, toda a ação educativa realizada na visita ao Museu da Cana acontece por meio de dinâmicas vindas das artes cênicas, música e dança, entre outras — como a literatura, a contação de histórias e estórias — como formas potentes de promoção de seus conteúdos.

O propósito é instigar a curiosidade dos estudantes pelo seu território e, assim, por meio da arte, valorizar a cultura local no âmbito material e especialmente imaterial, ao ativar o universo simbólico enredado no imaginário cultural do cultivar da cana-de-açúcar. Potencializar, nas crianças, o valor de pertencer a uma sociedade onde o ambiente rural é determinante na formação da identidade social, cultural.

#### **A VISITA AO MUSEU**

Com a abertura do Museu da Cana em 2013, na fazenda Engenho Central, a ocupação do espaço pelas comunidades rurais e urbanas do entorno aconteceu. A fazenda de 12,9 hectares abriga as edificações históricas com sua maquinaria preservada, as edificações auxiliares, a Vila do Engenho, com suas dezenove casas, e um importante fragmento de mata e cursos de água com aproximadamente 8 hectares de área, que constitui uma Área de Proteção Permanente (APP).

Apesar de nos referirmos a localidades próximas de um grande centro metropolitano — Ribeirão Preto — e um dos principais polos econômicos do Brasil, em um pequeno município como Pontal, com cerca de 40 mil habitantes, há baixa oferta de equipamentos que ofereçam atividades culturais e lazer de forma democrática, e as escolas são penalizadas pela falta de opção de projetos e de espaços que possam atender às demandas de complementação da educação formal. A abertura do Museu da Cana, com seus múltiplos espaços voltados para cultura, educação e lazer, teve um reconhecimento imediato das comunidades, principalmente da comunidade escolar, que adotou o museu como um espaço para exercício de atividades extramuros.

Dos aproximadamente 139 mil visitantes que o museu recebeu nos seus seis anos de operação, a maioria das visitas é de públicos escolares, de todos os níveis, da pré-escola até a pós-graduação. Esses públicos são recebidos de maneira personalizada pela equipe de mediadores,

intencionando que a visita seja uma experiência que provoque uma reflexão crítica sobre a história do lugar e sua relação com a história regional e brasileira.

Com relação especificamente à visita mediada que integra o projeto “Colhendo Memórias: museu e escola”, buscou-se propor, a públicos cativos do museu, experiências diversas das que já vinham acontecendo desde 2013<sup>8</sup>, seguindo os preceitos do saber pela experiência (LARROSA BONDÍA, 2002). O projeto nasce como uma possibilidade de oferecer, aos alunos do Ensino Fundamental, uma visita temática ao Museu da Cana, baseada em seus conteúdos relacionados ao patrimônio imaterial manifesto e preservado em seu entorno: a cultura caipira do Nordeste Paulista.

Uma das maiores conquistas dos museus, podendo ser considerado um dos principais avanços dos museus, está no seu comprometimento com a Educação, compreendida como um processo social de formação de consciência crítica, de manutenção ou transformação das tradições e valores; de leitura e interatividade com o mundo, entendendo-se nessa perspectiva a educação presente na vida dos indivíduos em caráter permanente e ininterrupto; caracterizando-se como educação não formal, que se realiza a partir de uma intencionalidade, porém de maneira flexível em suas estratégias, seleção de conteúdos e características próprias dos museus em suas potencialidades e limitações. (FABBRI, 2011, p. 52.)

## AS SINGULARIDADES DA AÇÃO EDUCATIVA NO MUSEU DA CANA

Hoje eu mal teria condições de falar com mais  
detalhes sobre aquela experiência tão inexprimível.  
W. J. Goethe

---

8 Desde sua abertura, em 2013, o museu faz um trabalho de comunicação museológica relacionado a seus acervos e conteúdos, com o objetivo de preservar e difundir a história e a memória do empreendimento “Engenho Central”, de seus empreendedores e da comunidade que ocupou o local a partir do início do século passado, baseado no patrimônio material acolhido no local.





**Figura 6.** “Despedida”.  
Foto: Alisson Santos, 2018.

O museu enquanto equipamento cultural adequado às práticas da educação não formal pode ser entendido como espaço de experimentação, onde seus acervos e conteúdos possibilitam ações educativas que estimulam a presença ativa dos públicos. Partindo desta potencialidade da ação museal, para o projeto “Colhendo Memórias”, construímos uma metodologia baseada na potência das linguagens artísticas como meio de acomodar conteúdos relacionados à educação patrimonial. Para preparar a mediação que ocorre durante a visita no Museu da Cana, é proposta uma capacitação, com material de apoio pedagógico, aos professores envolvidos, com o intuito de estimular os alunos a adentrarem no museu impregnados pela atmosfera do projeto.

Nossa intenção é proporcionar experiência ao nosso público (na faixa dos 9 anos de idade). Nas palavras de Larrosa Bondía (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Para o autor, o sujeito da experiência está receptivo, disponível e aberto para vivenciar a experimentação, pronto para ter uma presença ativa no sentido subjetivo.

Destacamos que a elaboração da metodologia parte do campo da arte-educação e se coloca como contraponto à fetichização contemporânea da tecnologia, no sentido dos dispositivos eletrônicos e da internet, pois o próprio Museu da Cana em si é uma espécie de testemunho da tecnologia de uma época. Não negamos a contribuição das tecnologias da informação e comunicação (TICs), mas, recorrendo novamente a Larrosa Bondía (2002), nossa proposta metodológica não intenciona contribuir para a construção

de um sujeito técnico, baseado no domínio estrito de operações tecnológicas ou de um sujeito crítico preparado para a práxis política; nossa intenção é contribuir, no campo da pedagogia, com a construção de um sujeito cognitivo-afetivo, o qual é ativado por meio de linguagens artísticas.

Ainda em relação à elaboração da metodologia, é fundamental destacar a importância do pensamento de Johann Wolfgang Goethe e de sua fenomenologia, que propõe uma abordagem holística da natureza, baseada na contemplação e na não dicotomização entre sujeito e objeto, constructo adotado pelo filósofo e educador Rudolf Steiner para a criação de sua filosofia da educação, em que a fenomenologia goethiana transborda para a educação e atribui um papel fulcral à arte na condução da aprendizagem como formação da consciência humana. Na pedagogia Waldorf, elaborada por Rudolf Steiner, as linguagens artísticas são tratadas não apenas na sua forma figurativa, mas, também, na sua forma essencial ou abstrata, buscando, por meio da arte, o acesso a forças do elemento puro, utilizada de forma potente na aprendizagem de crianças e jovens.

A metodologia construída para o projeto “Colhendo Memórias” tem, como referencial teórico, a pedagogia Waldorf, baseada na importância da experiência contemplativa para a aprendizagem e da arte como ponte entre o sujeito aprendiz e o objeto doador generoso de afetos e conteúdos.

Espaços de convivência como o do Museu da Cana ganham relevância se pensados a partir daquilo que orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois se coloca como extensão do ensino para atividades extramuros e como local para estas experimentações e aprendizagens. Assim, adotamos os acervos e as temáticas do Museu da Cana como “plataforma geradora de conteúdos” relativos à história e às memórias regionais, oferecendo, por meio das ações, a possibilidade aos educadores formais trabalharem com seus alunos o que está previsto nas diretrizes curriculares.

Na pesquisa preparatória para a idealização do projeto “Colhendo Memórias”, identificou-se que existem diversos projetos que chegam às escolas e não sensibilizam os professores para a ação, pois não estão conectados com os conteúdos programáticos da BNCC. Constata-se que a inaplicabilidade da maioria das atividades extracurriculares se deve à falta de tempo para o professor parar os planos de aula obrigatórios para poder se dedicar a um projeto desconectado dos conteúdos estabelecidos pelo currículo. Assim, baseados neste diagnóstico, revestimos o projeto com diferenciais que o conectaram aos conteúdos curriculares de sala de aula, tais como:

1. Temática local;
2. Material pedagógico transdisciplinar;
3. Material de apoio pedagógico organizado em sugestões de plano de aulas que incluem texto histórico, vídeo documentário, CD com músicas etc.

Partindo da instituição museológica como plataforma geradora de conteúdos, desenvolvemos uma metodologia por meio de camadas estruturadas, sendo que a camada pesquisa histórica foi desenvolvida pela historiadora Tania Registro (2018). Desse modo, a curadoria educativa se estrutura em dois eixos de ação: o primeiro é o pedagógico, e o segundo, artístico. Ambos são sustentados por núcleos criativos, sendo o primeiro composto por profissionais da área pedagógica, e o segundo, por profissionais das áreas artísticas. Eles atuam de maneira cooperada, participativa e transdisciplinar, criando e proporcionando ações pedagógicas aos educadores formais e ao público visitante do Museu da Cana.

#### INFOGRÁFICO METODOLÓGICO

Para facilitar a visualidade da metodologia, criamos um infográfico que, de forma ilustrativa, apresenta as premissas que orientaram a ação.



**Figura 7.** Infográfico representativo do processo da ação educativa.

O infográfico está dividido em quatro camadas fundamentais:

- 1 - Plataforma geradora de conteúdos;
- 2 - Pesquisa;
- 3 - Criação de produtos culturais;
- 4 - Acomodação de conteúdos.

As camadas foram estruturadas de forma alinhada às funções museais definidas pela Reinwardt Academie (Amsterdã, 1980), conhecidas como sistema PPC: preservação; pesquisa; comunicação. São elas:

#### **Camada 1 – PRESERVAÇÃO: Plataforma Geradora de Conteúdos**

Esta camada entende o museu, seus conteúdos e seus acervos preservados como uma plataforma geradora que possibilita, de forma transdisciplinar, a criação de diversos produtos culturais baseados na visão antropológica da cultura, entendida não apenas nas expressões artísticas, mas também no modo como o ser humano constitui sua identidade, seus hábitos e como os perpetua.

No projeto “Colhendo Memórias, o Museu da Cana”, enquanto Plataforma Geradora de Conteúdos, ofereceu a possibilidade de explorar o patrimônio imaterial como conteúdo.

#### **Camada 2 – PESQUISA**

Orientada pelos acervos preservados, entendendo-os nas suas representações museológicas, documentais e bibliográficas, a pesquisa deve ser a fonte principal que, debruçando-se sobre aqueles, nutre, com informações, as ações de difusão das instituições museológicas.

Partindo da riqueza do patrimônio imaterial manifesto e preservado pelo Museu da Cana, o projeto “Colhendo Memórias” buscou, na pesquisa histórica, a fonte que alimentou a criação dos recursos pedagógicos e artísticos.

### **Camada 3 – COMUNICAÇÃO: Mediação**

Tendo por base textos, imagens e bibliografia, foram criados os recursos pedagógicos direcionados aos professores e os recursos artísticos para a mediação da visita dos alunos ao Museu da Cana.

Os recursos pedagógicos consistem em:

1. Texto histórico adaptado. Elemento central, por oferecer suporte a todo o trabalho em sala de aula. Relata o processo de constituição da história rural do Nordeste Paulista, bem como seus hábitos e costumes;

2. Vídeo documentário baseado em histórias orais “A Cultura nas Terras da Cana: Histórias e memórias dos habitantes do entorno do Museu da Cana”<sup>9</sup>. Peça âncora para o trabalho dos educadores em sala de aula. Relata a história do local e suas manifestações da cultura popular, como festas, folguedos, culinária, terapêuticas e os famosos causos compartilhados oralmente;

3. Texto pedagógico. Sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula. São conteúdos complementares à visita ao Museu da Cana, relacionados às temáticas que permeiam o projeto, incluindo atividades práticas por meio de brincadeiras tradicionais da cultura da infância (ver Anexo 1 – Texto pedagógico);

4. “Imagens da Memória”. Envelope contendo quinze pranchas, com fotos para atividades relacionadas diretamente ao texto histórico;

5. “Varal de Histórias”. Envelope contendo doze pranchas, com desenhos para a atividade de construção de narrativas orais e escritas pelos alunos;

6. CD com as doze músicas. Músicas especialmente compostas para a peça “Colhendo Memórias”, potente recurso para aplicação em sala de aula.

---

9 Duração de 24 minutos em Full HD, com trilha musical original, versão em libras.





**Figura 8.** Capa da brochura com texto pedagógico.



**Figura 9.** Brochura com texto pedagógico: vídeo documentário e planos de aula.



**Figura 10.** Recursos Pedagógicos: Lâminas da Memória.



**Figura 11.** Recursos Pedagógicos: Varal de Histórias.

Os recursos artísticos consistem em:

1. Peça teatral “Colhendo Memórias”. Com duração de quarenta minutos, na qual a trupe “Colhendo Memórias” retrata histórias e memórias do universo rural paulista, utilizando como fio condutor a confecção dos estandartes para comemorações como a Folia de Reis. Possui trilha musical exclusiva, inspirada nos ritmos musicais da cultura caipira;
2. Chegança com o estandarte de apresentação do projeto e da trupe “Colhendo Memórias”. Recepção dos alunos;
3. Oficina de arte-educação conectada à peça. Confeção de estandartes pelos alunos baseada na pergunta: o que te faz feliz?
4. Roda de cantoria.



**Figura 12.** Trupe Colhendo Memórias.



**Figura 13.** Teatro.



**Figura 14.** Oficina de estandartes.



**Figura 15.** Roda de cantoria.



#### **Camada 4 – PRESERVAÇÃO: Acomodação de conteúdos**

A metodologia se propõe a tratar o sistema PPC de forma sistêmica, com o produto da ação sendo o estímulo para a preservação da cultura manifesta na região por meio do sentimento de pertencimento que é alimentado nos alunos durante a visita. Assim, a camada 1 do infográfico está conectada à Preservação das temáticas acolhidas pelo Museu da Cana, e a camada 4 deságua na Preservação, consubstanciada pela reflexão de Aloísio de Magalhães, de que só se preserva aquilo que se ama, só se ama aquilo que se conhece, provocando uma experimentação cíclica em relação às funções museológicas, na qual a Preservação é causa e efeito da ação educativa.

É importante esclarecer que utilizamos, nesta camada, o termo “acomodação de conteúdos” referindo-se aos conceitos de Jean Piaget referentes à assimilação, acomodação e equilíbrio de conteúdos como forma de efetivação da aprendizagem.



**Figura 16.** Atividades em sala de aula.



**Figura 17.** Atividades em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou um ciclo de experimentações relativas à educação não formal como campo de difusão da educação patrimonial no âmbito dos museus e examinou o caminho metodológico resultante destas experimentações multidisciplinares, identificando referenciais teóricos que embasam sua pedagogia.

Cabe destacar a importância de se viabilizar a relação entre cultura e educação, preconizada exaustivamente por pesquisadores de ambos os campos do saber por meio de projetos comuns, mas, que, na prática, se realiza em poucas ações que tratam essa aproximação de forma sinérgica, especialmente pela falta de políticas públicas que orientem a cooperação entre as instâncias públicas ligadas às respectivas áreas. A singularidade da metodologia Colhendo Memórias consiste na efetivação da relação entre os campos cultura e educação, engendradora a potencializar um crescente de possibilidades, amparados pela metodologia aplicada.

A aplicabilidade da metodologia é atribuída aos seguintes fatores:

Adoção da Base Nacional Comum Curricular como documento para orientar a criação dos recursos pedagógicos;

Equipe de profissionais das artes e da pedagogia trabalhando de maneira sinérgica;

Envolvimento da Secretaria da Educação e Cultura de Pontal com a implantação do projeto.

Baseada nestes fatores, a metodologia se estruturou como matriz para o desenvolvimento de ações de educação patrimonial, as quais difundem diversas temáticas das instituições museológicas no que tange às dimensões material e imaterial do patrimônio. No caso do Museu da Cana, adotamos os referenciais teórico-metodológicos do projeto Colhendo Memórias para o desenvolvimento de um novo projeto, um programa de educação ambiental, intitulado Verdear, que terá como temática o fragmento de mata (com aproximadamente oito hectares de área) que constitui uma Área de Proteção Permanente, localizada na fazenda Engenho Central. Nesse projeto, trataremos do patrimônio natural sob guarda do Museu da Cana, e, assim como no projeto Colhendo Memórias, será estruturado pela relação museu e escola, tendo os alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental como público.



Também é importante considerarmos a dinâmica de aplicação da metodologia. Por meio do Proac ICMS, a cada ano, além de oferecer materiais pedagógicos já instituídos e a visita temática ao Museu da Cana para as escolas de Pontal, criam-se novos materiais pedagógicos que enriqueçam as possibilidades de aprendizagem da educação formal no que tange à cultura local, ampliando as possibilidades pedagógicas relacionadas ao sentimento de pertencimento ao território cultural Engenho Central, com suas manifestações da cultura caipira do Nordeste Paulista.

No ano de 2019, foi agregado ao material pedagógico o CD com a trilha original do teatro para ser trabalhada em sala de aula. Para a próxima versão do projeto, será produzido um livro infantil ilustrado, relatando histórias e memórias do uso das ervas do quintal da Dona Vanda, que serão distribuídos em todas as bibliotecas das escolas de Ensino Fundamental de Pontal, com o intuito de contribuir para a difusão da cultura caipira. Desta forma, a metodologia se propõe a unir o museu e a escola na construção da identidade cultural que singulariza o território Engenho Cultural, despertando nas crianças o orgulho de pertencer a uma sociedade com uma riqueza simbólica ancestral, que faz de seus indivíduos sujeitos históricos únicos.

## **MATERIAL PEDAGÓGICO**

Vídeo: A Cultura nas Terras da Cana

<<https://youtu.be/bIAncVvhgHY>>

Texto Histórico

<[https://issuu.com/comunicarpbr/docs/colhendo-memorias\\_apostila\\_21x29\\_7cm\\_2019](https://issuu.com/comunicarpbr/docs/colhendo-memorias_apostila_21x29_7cm_2019)>

Planos de Aula

<<https://issuu.com/comunicarpbr/docs/recurso3>>

Material de apoio pedagógico

<<https://issuu.com/comunicarpbr/docs/recurso4>

<<https://issuu.com/comunicarpbr/docs/recurso5>>

<<https://open.spotify.com/album/2iEPN8A8r12JE4DStmdZoi>>

## **REFERÊNCIAS**

BACH JR., Jonas. *Fenomenologia de Goethe e Educação: a filosofia da educação*

- de Steiner. Curitiba: Lohengrin, 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.
- DESVALLÉES, André; MAIRESE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: ICOM Brasil, 2013.
- FABBRI, Angelica. “Museus: o que são, para que servem”. In SISEM-SP (org.). *Museus: o que são, para que servem?* Brodowski: ACAM Portinari, 2011.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *De minha vida*: poesia e verdade. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- GOHN, Maria da Glória. “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”. *Ensaio.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, pp. 27-38, jan.-mar. 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362006000100003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003)>. Acesso em: 8 maio 2020.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D&PA, 2006.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação patrimonial*: Histórico, conceitos e processos. Brasília: Iphan, 2014.
- INSTITUTO Cultural Engenho Central – Museu da Cana (site). “Engenho Central”. Disponível em: <<https://www.museudacana.org.br/engenhocentral>>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista brasileira de educação*, n. 19, jan.-abr., pp. 20-8, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2020.
- REGISTRO, Tania C. “Trabalho, festas e identidade cultural nas terras do café e da cana”. In Projeto Colhendo Memórias. *Recurso pedagógico 1*: Texto Histórico. Ribeirão Preto: Instituto Cultural Engenho Central, 2018. Disponível em: Ribeirão Preto, <[https://issuu.com/comunicarpbr/docs/colhendo-memorias\\_apostila\\_21x29\\_7cm\\_2019](https://issuu.com/comunicarpbr/docs/colhendo-memorias_apostila_21x29_7cm_2019)>.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- TORRES, Vasconcelos. *Condições de vida do trabalhador na agroindústria do açúcar*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1945.
- UNESCO. “Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade”. Tradução não oficial realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus. Paris: Unesco, 2015.
- ZAJONC, Arthur. *Love and Knowledge*: Recovering the Heart of Learning through Contemplation. *Teachers College Record*, Nova York, v. 108, n. 9, pp. 1742-59, set. 2006. Disponível em: <[https://www2.clarku.edu/difficultdialogues/pdfs/zajonc\\_love\\_and\\_knowledge.pdf](https://www2.clarku.edu/difficultdialogues/pdfs/zajonc_love_and_knowledge.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2020.